

Fernando Pessoa

## **Amei-te e por te amar**

Amei-te e por te amar  
Só a ti eu não via...  
Eras o céu e o mar,  
Eras a noite e o dia...  
Só quando te perdi  
É que eu te conheci...

Quando te tinha diante  
Do meu olhar submerso  
Não eras minha amante...  
Eras o Universo...  
Agora que te não tenho,  
És só do teu tamanho.

Estavas-me longe na alma,  
Por isso eu não te via...  
Presença em mim tão calma,  
Que eu a não sentia.  
Só quando meu ser te perdeu  
Vi que não eras eu.

Não sei o que eras. Creio  
Que o meu modo de olhar,  
Meu sentir meu anseio  
Meu jeito de pensar...  
Eras minha alma, fora  
Do Lugar e da Hora...

Hoje eu busco-te e choro  
Por te poder achar  
Não sequer te memoro

Como te tive a amar...  
Nem foste um sonho meu...  
Porque te choro eu?

Não sei... Perdi-te, e és hoje  
Real no [...] real...  
Como a hora que foge,  
Foges e tudo é igual  
A si-próprio e é tão triste  
O que vejo que existe.

Em que és [...] fictício,  
Em que tempo parado  
Foste o (...) cilício  
Que quando em fé fechado  
Não sentia e hoje sinto  
Que acordo e não me minto...

[...] tuas mãos, contudo,  
Sinto nas minhas mãos,  
Nosso olhar fixo e mudo  
Quantos momentos vão  
Pra além de nós viveu  
Nem nosso, teu ou meu...

Quantas vezes sentimos  
Alma nosso contacto  
Quantas vezes seguimos  
Pelo caminho abstracto  
Que vai entre alma e alma...  
Horas de inquieta calma!

E hoje pergunto em mim  
Quem foi que amei, beijei  
Com quem perdi o fim  
Aos sonhos que sonhei...  
Procuro-te e nem vejo

O meu próprio desejo...

Que foi real em nós?  
Que houve em nós de sonho?  
De que Nós fomos de que voz  
O duplo eco risonho  
Que unidade tivemos?  
O que foi que perdemos?

Nós não sonhámos. Eras  
Real e eu era real.  
Tuas mãos — tão sinceras...  
Meu gesto — tão leal...  
Tu e eu lado a lado...  
Isto... e isto acabado...

Como houve em nós amor  
E deixou de o haver?  
Sei que hoje é vaga dor  
O que era então prazer...  
Mas não sei que passou  
Por nós e acordou...

Amámo-nos deveras?  
Amamo-nos ainda?  
Se penso vejo que eras  
A mesma que és... E finda  
Tudo o que foi o amor;  
Assim quase sem dor.

Sem dor... Um pasmo vago  
De ter havido amar...  
Quase que me embriago  
De mal poder pensar...  
O que mudou e onde?  
O que é que em nós se esconde?

Talvez sintas como eu  
E não saibas sentil-o...  
Ser é ser nosso véu  
Amar é encobril-o,  
Hoje que te deixei  
É que sei que te amei...

Somos a nossa bruma...  
É pra dentro que vemos...  
Caem-nos uma a uma  
As compreensões que temos  
E ficamos no frio  
Do Universo vazio...

Que importa? Se o que foi  
Entre nós foi amor,  
Se por te amar me dói  
Já não te amar, e a dor  
Tem um íntimo sentido,  
Nada será perdido...

E além de nós, no Agora  
Que não nos tem por véus  
Viveremos a Hora  
Virados para Deus  
E n'um (...) mudo  
Compreenderemos tudo.

2-12-1913

**Pessoa Inédito.** Fernando Pessoa. (Orientação, coordenação e prefácio de Teresa Rita Lopes). Lisboa: Livros Horizonte, 1993: 11.